

Dossiê temático



›REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA‹, V. 32, N. 2, JUL.–DEZ. 2019
PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA
ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Antonio José Augusto: excelência, compromisso, coragem

Humberto Amorim¹

O que pode dar a medida de uma vida? No bojo de seus livros, o historiador francês Roger Chartier deflagra a (nossa) incapacidade de reduzir a experiência ao discurso. Recontar pegadas de uma trajetória, portanto, inevitavelmente nos projeta diante do problema antevisto por outro pensador francês, Michel de Certeau, ao analisar a relação de sujeitos e seus objetos de estudo: “Pode-se dizer que a formalização da pesquisa tem precisamente por objetivo a produção de ‘erros’ – insuficiências, faltas – cientificamente utilizáveis”.

Antonio José Augusto (1964-2020) poderia ser medido pela excelência. Não é necessário, aqui, repisar individualmente seus inúmeros feitos admiráveis, eles já estão impressos não somente na vida dos que tiveram o gozo do seu convívio, mas também em diversas matérias, homenagens e traços biográficos disponibilizados *online* logo após a sua passagem. Cumpre frisar, apenas, que em todas as vertentes profissionais que exerceu, sua dedicação renitente e inteligência privilegiada levaram-no a uma posição de destaque.

Foi assim como músico, um regente, camerista e instrumentista com mais de três décadas de contribuições singulares à música brasileira; como professor, um mestre cioso e afetivo, querido e respeitado dentro e fora dos círculos acadêmicos; como pesquisador, com dezenas de conferências, artigos e livros que ampliaram a nossa capacidade de olhar para a musicologia como uma força viva, capaz de mover as estruturas rígidas do passado e articular furos do pensamento no presente. Não era alguém estanque, todas estas dimensões profissionais se interpenetravam, em espiral, como acontece em todos os que reconhecem a impossibilidade dos

269

¹ Universidade Federal de Rio de Janeiro (UFRJ).

fragmentos se apartarem das urgências do todo e do tempo. Era tanto um professor-músico quanto um pesquisador-regente (ou vice-versa, em outra ordem). Em tudo, cidadão crítico, consciente e engajado. Sujeito histórico, social, cultural. Vivo.

Friedrich Nietzsche, ao iniciar os apontamentos sobre a utilidade e a desvantagem da história para vida, em sua *Segunda consideração intempestiva*, o faz evocando um pensamento de Goethe: “De resto, me é odioso tudo o que simplesmente me instrui, sem aumentar ou imediatamente vivificar a minha atividade”. A história sem relação com a vida, denunciava o filósofo prussiano mais de um século atrás, não seria mais do que um desdobramento da necrofilia do historicismo do século XIX. Musicologia que não ressoa e ressignifica, portanto, é incapaz de criar asas para atravessar o rubicão que separa a mera instrução da *vivificação*.

270 Por isso, isolada, a excelência jamais poderia encerrar um personagem como Antonio José Augusto. A razão parece simples: neste sentido mais amplo, ele sempre esteve *vivo*. E, uma vez com (e na) *vida*, um intelectual, por mais poderoso e competente que seja, jamais se deixa consumir em sua glória pessoal. Seu comprometimento, como artista, professor e cidadão, não se esgotava no próprio espelho. Era para (e com) os *outros* que os seus passos mais intensos eram dançados. Não é fortuito que tenha sido, desde 2009, o professor da cadeira de Música de Câmara da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É impossível imaginar a atividade camerística sem a dimensão sincera do *compartilhamento*.

Compromisso, portanto, é também um conceito que poderia defini-lo. Segundo os dicionários, aquele (a) que se compromete assume um vínculo ou responsabilidade perante alguém (ou mais pessoas), galgando objetivos comuns. Em todos os cargos ou posições que ocupou, sua capacidade inata de liderar foi responsável pela criação, desenvolvimento e/ou incentivo de diversas iniciativas que modularam a mentalidade e a realidade profissional de seus pares, especialmente em terras cariocas. Balançou as estruturas rígidas das orquestras; capitaneou movimentos para fortalecer a prática e a difusão da música de câmara; de suas mãos

brotaram séries, programas, concursos, jovens talentos. Não se acomodou quando o reconhecimento dos pares o alcançou (canto da sereia que deixa a muitos pelo caminho), tampouco fez dos holofotes conquistados um atalho para se distanciar do coletivo. Pelo contrário, quanto mais sua carreira avançava, mais se deixava enveredar pelas lutas que deveriam ser de todos.

Em função disso, travou batalhas duras, encarnando, como poucos, a máxima cinzelada por Jacques Le Goff no prefácio de *Apologia da história*, de Marc Bloch: “Não se recua diante da responsabilidade. E, em matéria intelectual, horror da responsabilidade não é sentimento muito recomendável”. Sem recear enfrentamentos dolorosos e desgastantes, foi além do que um já louvável comprometimento permitiria quando não entrelaçado a outra virtude que sobressaltava dos poros de Antonio: a coragem.

Esta dimensão corajosa de sua existência pululava de todos os seus gestos, atos, escritos, expressões e voz. Era como uma fagulha interna que jamais cessava, mesmo nos momentos amenos. Para nós que ficamos e fomos tocados por ela, não há verbo capaz de traduzi-la, nem em sonho e nem na luta cotidiana para fazer sobrevivê-la em tempos tão sombrios. Tomemos seus livros como exemplo, referências inescapáveis da musicologia brasileira, um dos quais laureado, em 2010, com o concorrido “Prêmio FUNARTE de Produção Crítica em Música”: *A Questão Cavalier: música e sociedade no Império e na República (1846-1914)*. A premiação, por si, já denota a robustez intelectual e a profundidade musicológica de Antonio, mas há algo mais, indizível, no ser humano que decide impregnar de potência os créditos finais da última página da publicação, no colofão, com a seguinte denúncia:

Este livro foi impresso em papel pólen bold 70g, com tipos Minion e Frutiger, na gráfica Stampapa, no Rio de Janeiro em 2011, ano em que a Orquestra Sinfônica Brasileira promoveu uma inédita demissão em massa de seus músicos, lembrando as ignomínias perpetradas contra Cavalier Darbilly, há mais de 100 anos.

Nenhum desperdício de vida. Nenhum desperdício de espaço. “Para trás, não há paz”, escrevera Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta

e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

Não foram poucas as passagens em que essa imensa coragem ganhou contornos práticos em sua vida, fosse na vida pessoal ou profissional. Até o limiar da enfermidade que o vitimou, seguiu dando aulas, orientando, coordenando eventos exigentes (como os Núcleos Pedagógico e Acadêmico do Festival Villa-Lobos), ocupando todos os espaços de luta – práticos e simbólicos – que o seu frágil e debilitado corpo permitia. Quando a notícia de sua morte se tornou pública, o Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ lançou uma nota, em sua página, reconhecendo a entrega total de seu professor até os últimos meses de vida. “A história serve à ação”, preconizou Le Goff. Com a música também é assim, nos ensinou Antonio.

272 Com a inclusão de um dossiê em homenagem a Antonio José Augusto neste número, a *Revista Brasileira de Música* não somente realiza uma valorosa homenagem a um dos mais brilhantes professores que já passaram pelas fileiras da Escola de Música da UFRJ, mas também presta um serviço inestimável à musicologia brasileira, incorporando os trabalhos em torno de Villa-Lobos submetidos, aprovados e apresentados em um dos últimos eventos científicos coordenados por Antonio (o Simpósio Nacional Villa-Lobos realizado no âmbito do 56º Festival Villa-Lobos), além de publicar trabalhos de pesquisadores que conviveram estreitamente com o homenageado, compartilhando com ele muitos e contínuos diálogos musicológicos (caso, por exemplo, de Cesar Buscacio). Destaca-se, ainda, a transcrição integral de uma entrevista concedida por Antonio ao músico Sóstenes Siqueira, antes somente disponível no *YouTube*. Realizada em 2016, em Belém do Pará, esta é uma rara oportunidade de escutar/ler, do próprio Antonio, traços de sua trajetória, inventividade e pensamento. Eis uma fagulha:

[...] tudo era muito complicado, dentro do meu segmento social, o descolamento era algo muito complicado. [Para ir a Brasília, era] um dia e meio dentro de um ônibus em uma situação insuportavelmente doida, sem ar condicionado. Imagina? Coisas impensáveis hoje em dia. Sem um telefone celular... Era quase que pegar uma caravela e ir para outro continente... Guardadas as devidas proporções,

era uma audácia mesmo [...]. Era uma entrega à vida de uma maneira bem... não diria corajosa, mas... quase irresponsável mesmo.

Os historiadores culturais já nos advertiram que as práticas são irreduzíveis aos discursos, mas não há dúvidas de que Antonio José Augusto nos deixou um precioso e potente legado, marcado por sua *excelência*, *compromisso* e esta *coragem* “quase irresponsável”. Um aprendizado e uma inspiração que nos convocam, também, a encarar de frente as urgências de nosso tempo, no qual é preciso defender a ciência, as artes, as universidades, o meio ambiente, os valores coletivos, a diversidade, os afetos e a vida, em última instância, das hordas fascistas que insistem em assombrar o mundo e, em particular, o Brasil.



HUMBERTO AMORIM

Doutor em Musicologia, Mestre em Práticas Interpretativas, Graduado em Violão, Música Popular Brasileira/Arranjo e Licenciatura. Professor de violão da Escola de Música da UFRJ, recebeu em 2014 bolsa integral da Fonds de Dotation Porosus para cursar o II Máster de Violão Clássico da Universidade de Alicante (Espanha), onde estudou com David Russel, Manuel Barrueco, Hopkinson Smith, Paul O'Dette, Roberto Aussel, Fábio Zanon, entre outros. Autor dos livros *Ricardo Tacuchian e o violão* (2014) e *Heitor Villa-Lobos e o violão* (2009), ambos publicados pela Academia Brasileira de Música, do documentário-musical *Céus de Rondônia* (FUNARTE, 2012) e do DVD *Tacuchian por Humberto Amorim* (ABM, 2015). Recebeu a Bolsa Interações Estéticas 2012 da FUNARTE e, em 2015, a Bolsa de Pesquisador Residente da Fundação Biblioteca Nacional. E-mail: humberto-amorim@hotmail.com